

Viagens Pagãs

Fernando Dacosta

parsifal

© 2015, Fernando Dacosta e Edições Parsifal, Lda.

EDIÇÕES PARSIFAL

Av. Elias Garcia, n.º 76, 1.º F

1050-100 Lisboa

Telefone: 211 985 674

info@parsifal.pt

Autor: Fernando Dacosta

Título: *Viagens Pagãs*

Capa: Pedro Gil

Paginação: Augusto Nunes

Revisão: Edições Parsifal

Impressão: Multitipo, Lda.

1.ª edição: Abril de 2015

ISBN: 978-989-8760-10-4

Depósito Legal n.º 390 070/15

Distribuição: Clube do Autor, S. A.

Av. António Augusto de Aguiar, n.º 108, 6.º andar

1050-019 Lisboa

Telefone: 214 149 300 / Fax: 214 141 721

ÍNDICE

I	Um comboio no Douro	11
II	Uma avioneta no Corvo	29
III	Um <i>Carocha</i> no Brasil	69
IV	Um veleiro no Atlântico	99
V	Um jipe na mina	133
VI	Um autocarro em Marrocos	143
VII	Uma moto em África	177

I
UM COMBOIO NO DOURO

«O Alto Douro é a região mais pagã da nossa geografia»
Miguel Torga

Ruidoso, o comboio da linha do Douro começa a afastar-se de Campanhã. Estrangeiros enchem-no, janelas abertas, de máquinas fotográficas e regozijos irreprimíveis.

A paisagem que os recebe é das mais deslumbrantes do mundo. E trágicas – mas isso eles não sabem.

Eu sei. O Douro foi o universo onde me criei e onde, décadas atrás, quase morri afogado numa tarde de calor e imprudência.

Regresso-lhe em viagem de revisitação – e que mudado ele está! Enseadas, ancoradouros, motas de água, paquetes de luxo, barragens fazem-no lago sobre o velho e bravo e indomável rio da minha infância.

Sempre que o tempo afeiçoava, corria para a sua água de limbos e seixos.

Andava na quarta classe. As varandas da escola rasgavam-se sobre o rio ladeado pela estrada, à esquerda, e pelo caminho-de-ferro, à direita.

Sabia-lhes todas as referências: do rio, a nascente, os afluentes, as cores das correntes, barrentas no Inverno, verdes no Verão; da estrada, os sítios dos barrancos e dos cruzamentos, as variações nas lombas e no asfalto, as valas e as

fendas arrelhadoras do Ti Simão, cantoneiro de permanentes empenhos; do caminho-de-ferro depressa fixara o nome das estações e apeadeiros, o modelo das composições e fardamentos, a capacidade de cargas, as paragens, os horários.

Passava horas nos remos do Ti Tomás, barqueiro de sabedorias fascinantes, toda uma existência a passajar as águas do seu, nosso rio – inesquecíveis tios Simão e Tomás, que me ensinaram da vida mistérios e glórias ímpares.

PEIXES SEM ÁGUA

As estações dos comboios tinham coberturas de cimento e ferro, e relógios de mostradores duplos, e *guichets* de rede apertada como galritos. Do lado de lá, o homem dos bilhetes fazia-se peixe sem água, «Uma terceira para Campanhã! Ida e volta, se faz favor», a retirar rectângulozinhos de cartão, azulados uns, cor-de-rosa outros, cinzentos os demais (havia três classes: primeira, para os ricos; segunda, para os remediados; terceira, para os pobres), a medi-los, a carimbá-los, a anotá-los.

Quando ia ao Porto, subia os degraus da última caruagem e sentava-me num banco de madeira, à janela. Em breve a composição corria a pique sobre o rio, placas avisavam

«É PROIBIDO DEBRUÇAR-SE»

e logo me debruçava, fascinado com a imagem reflectida do comboio comigo a olhá-la, a olhar-me.

Foi então que senti pela primeira vez a pulsão da morte. Inclina-me um pouco mais e via-me a cair. O vento e o vácuo no rosto diziam-me que o meu fim iria ser na água, em lugar suavíssimo, melhor que no cascalho de uma campa de cemitério.

Debaixo da terra há escuridão e vermes, detestava os vermes, mil vezes os peixes e os pássaros, e os patos que voam e nadam.

Nas bateiras do Pinhão existiam muitos. Os caçadores traziam-nos com fartura, gostava de reter a sua carne aos pedacinhos, sem ossos, e a dos peixes, sem espinhas, na boca, na garganta, maneira de me sentir pássaro, de me imaginar peixe deslizando pelo vale do rio, para cima e para baixo, por cima e por baixo.

O Douro não era só um rio, era também um mundo, à volta do qual ele parecia uma via láctea de recordações, infâncias, rostos, locais, cheiros.

A infância ficou-me na dimensão desse universo delimitado pelas aldeias onde cresci: Segões (povo de neves, de azuis, de granitos, de planaltos, de uivos de lobos e vento de pinheiros), Folgosa (meio caminho entre Régua e Pinhão, rente ao rio, as cheias, as vindimas, os quelhos empedrados, os socalcos das vinhas, os braseiros do estio, quarenta graus em Agosto, «pior que Angola», diziam os africanistas em férias) e a adolescência por Lamego, a cidade verde e molhada, o liceu, a alameda, as verbenas, as transgressões, o teatro, oh, o Teatro Ribeiro Conceição!, lindíssimo, mais do que igrejas, palácios e castelos.

INESQUECÍVEIS SERÕES

Nele vi cinema pela primeira vez, vi actores, vi cantores, vi Amélia Rey Colaço, Laura Alves, Eunice Muñoz, Carmen Dolores, mais tarde amigas e intérpretes de peças minhas.

E nele, Teatro Ribeiro Conceição, vi Amália. Uma noite ela chegou, saiu de uma carrinha preta, vestido preto, entre guitarristas, flores, sorrisos, palmas – nem os paramentos do bispo, nem os das santas, Senhora dos Remédios, Senhora do Arcozelo, Senhora da Lapa, Senhora do Socorro, nem as capas da senhora baronesa, proprietária das maiores quintas da região, a igualavam no porte, no deslumbramento.

No final deu-nos (ao Fernando Marado e a mim) fotos autografadas – que lhe mostraria, divertindo-nos, num dos inesquecíveis serões da sua casa de São Bento.

Segões, Folgosa, Lamego, Soutosa, Moimenta, Armar, e Vila Seca, e Galafura, e São Leonardo, e Cambres, e Castro Daire, lugares atravessados de romarias, de carros-séis, de missas, de zaragatas, de ranchos, de tendeiros, de saltimbancos fizeram-se-me universos quentes e gordurosos, iniciáticos e sensuais.

GIGANTESCO *FLAT*

Vejo hoje com curiosidade o suceder das gerações, o mudar dos costumes, das músicas, das comidas, dos divertimentos. Os que nascem daí a nada estão velhos, já não os localizo, nem aos filhos. Casas e árvores desaparecem todos os dias, vivendas e plantios multiplicam-se, a paisagem

altera-se, ressaibram-se montes e mortórios, abrem-se auto-estradas, plantações novas brotam por todo o lado, e blocos de habitação, e supermercados, e discotecas, e geladarias.

Parabólicas fazem íntimo o longínquo. Não são mais precisos os relatos dos emigrantes, sobretudo os de França e os da Alemanha, antes eram os do Brasil e África, não são mais precisos os relatos dos que partiram para se saber o que se passa distante, a TV mostra-o em directo, sem sobressalto.

CAIXA FALANTE

A televisão chegou à aldeia pelo senhor prior. O senhor prior já não era prior – fora. A fortuna de uma viúva a que assistia de confessor, doada ao expirar, permitira-lhe trocar os ofícios da religião pelos do granjeio da quinta, mais de cinquenta pipas de malvasia e verdelho, letras A e B, benefício folgado, casa apalaçada, capela, dornas, lagar, olival.

Foi o primeiro na região a comprar automóvel, um gigantesco *Fiat* que jazia incólume em armazém de toldos e tonéis. Fez a viagem do Porto ali, cento e vinte e quatro quilómetros, e nunca mais saiu, rodou sequer.

Foi também o senhor prior o primeiro a comprar rádio. No dia 13 de Maio punha o aparelho na varanda, o som no máximo, cânticos, ladainhas,

«Avé, Avééé Mariiiiiia...»

atravessavam o rio, ouviam-se em Covelinhas, aldeia fronteiriça; coros de mulheres do outro lado respondiam

«Avé, Avééé Mariiiiiia...»,

atribuindo a milagre da Senhora de Fátima a caixa falante do senhor prior.

Só muito mais tarde o Chico da tasca poria, sobre prateleira de fumeiros, telefonia e televisor. Foi assim que o povo se habituou à Revolução e à telenovela, e às coisas demenciais que passaram a incendiar o mundo.

BOTIJAS DE GÁS

Na mesma altura chegaram o peixe e o frango congelados, e as botijas de gás. Com eles a vida mudou. Constituíram, rádio, TV, congelados e gás, o maior progresso que o Douro conheceu – a existência dentro das casas deu um salto em comodidade, em recursos, em distrações.

Camionetas traziam todas as manhãs de Matosinhos caixas de carapau e pescada, distribuídas em bom andamento pelo Nordeste; o chicharro de escabeche, a sardinha de barrica caíram em desuso. Antigamente, contam os idosos, eram um luxo: uma sardinha bem partida, repartida, dava para uma família.

Matabichava-se côdea de broa com bacalhau de lasca, ou azeitona preta, quartilho de tinto ou aguardente de medronho.

A revalorização do vinho, as mesadas dos emigrantes na Europa e dos soldados em África, as reformas da Previdência (dadas pelo «senhor professor Marcello Caetano, um santo»), as jornas das barragens em construção, Pocinho, Bagaúste, Tua, Valeira, proporcionaram melhorias nunca sonhadas.

Os retornados das ex-colónias, quando desabaram, abriram novos comércios, aviários, cafés, minimercados, arrotearam cabeços e plantações, os braços deixaram de chegar para tanta escava, poda, sulfatagem, desfolha, vindima.

Em mais parte nenhuma do mundo existem outros assim, socalcos, vinho, rio. Poetas cumpliciaram-nos, imortalizaram-nos. São «a única evidência incomensurável com que podemos assombrar o mundo», escreve Miguel Torga; são «*Os Lusíadas* sem Camões», exclama Jaime Cortesão; trata-se da «mais vasta e imponente obra humana realizada em território português», acrescenta Orlando Ribeiro.

EM NOME DA TERRA

A demarcação do Douro como região de vinhos finos (a mais antiga do mundo) foi feita pelo Marquês de Pombal em 1757. Antes, porém, já os romanos a destacavam (século II a. C.) como uma referência da distante Lusitânia.

Os cruzados de Ricardo Coração de Leão tornaram-nos internacionalmente conhecidos quando, a caminho da Terra Santa, aportaram em Portugal.

A UNESCO incluiu em 2001 a região na lista dos locais que, pela sua «paisagem cultural», são Património da Humanidade.

Há duas versões para a origem do nome Douro. Uma diz que «nas encostas escarpadas, um rio banhava as margens secas e inóspitas. Nele rolavam, noutros tempos, brilhantes pedrinhas que se descobriu serem de ouro». Outra versão

diz que o «nome do rio deriva do latim *duris*, ou seja, “duro”, atestando bem a dureza dos seus contornos tortuosos».

As barragens tornaram a navegação no rio – percurso de duzentos e dez quilómetros entre o Porto e Barca d’Alva, na chamada Rota do Vinho do Porto – verdadeiramente deslumbrante.

Riquíssimo, o imaginário local transformou-se, sedimentou-se num símbolo angular da cultura portuguesa. É, aliás, nesta zona que resistem (como na do Alentejo, como na dos Açores) as fontes mais genuínas da seiva que nos gerou. E a que os seus criadores dão memória pausada, pousada, sem a qual não existe continuidade, isto é, futuro.

Torga lembrava, a propósito, que para os seus conterrâneos «as ocupações em excesso provocavam o endurecimento do coração», aviso que a natureza cedo lhes inculcou.

Igualmente cedo eles sentiram que só amando a solidão das suas agruras conseguiriam não estar sós, o que lograram como mais nenhuma outra comunidade entre nós.

Sobre a terra, em nome da terra, os durienses parecem mover-se parados, ungidos de gestos sacerdotais. O silêncio das escarpas fez-se o silêncio dos que as comungam, denso de mutismos, de dores, de mistérios.

Não apetece, nelas, contar o tempo. Fazê-lo é quebrar a harmonia, a dormência que tudo vela.

Como em cenário mágico, montes, vales, nuvens, árvores, aves, caminhos, clareiras, sons, odores, tudo se aquieta/ /inquieta em molduras de inigualável transparência e segura.

Excessiva, a paisagem não sorri. Entra-se-lhe sem resguardo. A terra crua e densa, o ar imóvel e acre, os declives

fendidos e ressequidos ofertam-se e esquivam-se em reflexos indistintos.

FIGOS COM PÃO

Sob o sol, em Agosto, o ar ficava sem ar, sem vibração. Mulheres punham sardinhas a assar, com um pouco de unto, nos carris do comboio e nas lousas das fragas.

Ao cair da tarde a aldeia despertava. Primeiro os cães e os gatos, a seguir as cabras e os jumentos. Levantavam a cabeça, levantavam-se. Atrás deles surgiam as crianças e os homens. O fim do terço trazia as mulheres.

A Lua Cheia despontava com todos, animais, crianças, homens, mulheres, no rio. O coaxar das rãs e o coro das cigarras faziam-se sinfonia cósmica. Jovens cantavam e dançavam sobre a grama. Pescavam-se enguias, rolos de minhocas a fazerem de isco, às centenas. Comiam-se uvas brancas e figos frescos com pão. Às três da madrugada, a água, a vinte e dois graus, mergulhava-se nela devagar, parecia caldo.

O rio mudou, porém. As represas regulam-lhe agora os caudais e as fúrias. Em certas zonas não parece o mesmo: lembra, superfície de vidro, um lago com barcos de recreio e desportistas de fora. Os calhaus, os redemoinhos, as cachoeiras, a violência desapareceram. O velho Douro, agreste e rebelde, pacificou-se, foi pacificado.

A filoxera, praga que na segunda metade do século XIX destruiu as vinhas da zona, logo se propagando a todo o país, levou à desertificação de milhares de hectares de terrenos (os mortórios) e ao abandono de inúmeras aldeias,

muitas ainda hoje desertas. Foi preciso arrancar milhões de pés de videiras e substituí-los por plantas enxertadas de «americano», resistente à filoxera.

CALÇAS ARREGAÇADAS

Das noites de lagar, do azeite no Inverno, da pisa nas vindimas ficaram-me recordações inesquecíveis – as seiras a serem prensadas, as rodas de pedra tiradas por juntas de bois, mais tarde por motores a *gasoil*, o vapor forte das fornalhas, os homens de calças arregaçadas, as músicas, os harmónios, os petiscos.

A aldeia fazia-se altar pagão. Mulheres traziam galinhas cozidas, licores finos, figos secos, bolas (de sardinha, presunto, bacalhau) quentes.

De outras povoações chegava o estalejar de foguetes, os pirotécnicos de Viana punham o céu – na Senhora do Socorro, na Senhora dos Remédios – a explodir em flores, em cascatas de arco-íris; letras de luz faziam, no final, abrir a boca de espanto a todos os romeiros.

CACHÃO DA VALEIRA

Fui a muitas dessas festas, festas de colheitas, de iniciação, de magia; saltava para os carrinhos eléctricos, vinte e cinco tostões uma volta, sentava-me ao volante, carregava no pedal, o pequeno veículo girava, girava, faíscas soltavam-se como se a pista fosse também um fogo-de-artifício e o

carro uma estrelinha a voar sobre a romaria, rio acima, sobre a Quinta dos Frades, sobre a ponte do Pinhão, gradeamento minucioso, arcos finos, bem trabalhados, sobre o Cachão da Valeira, nó de precipícios e fragas onde centenas de pessoas e barcos, rabelos, de pesca, de passagem, se desfizeram.

Ao chegarem perto, os marinheiros, hirtos, gelados, encomendavam-se a São Salvador do Mundo. O Barão pereceu nele. Inglês de suíças ruivas, milionário e pintor, pintor de uvas e aguarelas, James Forrester fez-se figura lendária no Norte.

Os seus cinturões de ouro, as suas amantes de exibição, os seus criados de libré, o seu barco-palácio errante, as suas ceias no convés, rio acima, as suas sinfonias e gargalhadas ecoando nas margens deram-lhe dimensões de mito. A nave de luxo e luxúria em que se deslocava tornou-se uma visão fantasmática.

Numa noite de Lua Nova, asseverava Maria Bolota, dada a visões de Nossas Senhoras e de extraterrestres, o seu casco levantou voo com o fantasma do inglês.

D. Antónia Ferreirinha (outra figura de referência no Douro), que o acompanhava aquando do acidente, flutuou na corrente – as saias compridas, usava várias, apanharam ar, enfunando-se – e salvou-se.

CASA COM BIBLIOTECA

Conheci razoavelmente os grandes livros sobre a região. Tive a sorte de nascer em casa com biblioteca, habituei-me cedo ao Aquilino, ao Eça, ao Camilo, ao Pascoaes, ao

Brandão, ao Redol, ao Araújo Correia, ao Fausto Guedes Teixeira, ao Manuel Mendes, ao Torga, à Agustina.

Na subida do rio, quando não havia vento, os barcos rabelos eram puxados, a partir das margens, por juntas de bois, contra a corrente, num esforço hercúleo.

Toda a existência no Douro é cheia, aliás, de asperezas, de aflições: as da vareja, dedos gretados de frieiras e golpes; as da escava, terra insensível às sacholas e ao desespero; as das vindimas, cestos subidos a dor e a vertigem.

Morrer afogado é uma dormência no Douro.

O Douro tem muita experiência em acompanhar o passamento dos que se lhe entregam. Sabe encurtar-lhes a aflição, esvair-lhes o medo, dulcificar-lhes o desconhecido. É o rio da Europa com mais suicidados.

A sua água fez-se pele de volúpias; a sua ondulação, veia de apaziguamentos. O corpo sobe e desce devagar como se fios invisíveis o puxassem, ora para cima ora para baixo, a vida a deslizar para trás, a infância, os rostos amados, a casa, o berço, a distância, o esquecimento, a revelação.

ESTRADA DO CEMITÉRIO

Comigo ia sendo, uma tarde, assim. Saí da escola, fazia calor, corri com os outros pela rua, passámos a estrada, entrámos na água. Havia pé na zona da Grande Fraga, nadámos. De súbito um redemoinho arrastou-me, os outros agarraram-se às pedras, vi-os durante algum tempo, depois percebi que estava longe, num cenário de peixes e plantas, as cores diluíam-se, tornavam-se mais transparentes e amenas.

Via-me a mim mesmo em baixo, como quando me debruçava do comboio sobre a imagem reflectida no rio, via-me a mim mesmo mas já não era eu, era o que havia de ser.

A sensação de afastamento extasiava-me. Divisei, então, grupos de pessoas à minha procura, bombeiros, GNR, pescadores, ouvia chorar, o dobre dos sinos prendeu-me a atenção. Em fila, a aldeia subia a estrada do cemitério, o padre Avelino de breviário aberto, o Ti Simão e os ajudantes de opas vermelhas e crucifixos, o caixão branco seguro pelos alunos da escola, os meus pais e irmãos de preto, a vista esplendorosa sobre São Leonardo.

O Douro acolhe bem todos os grandes desiludidos – arruinados de saúde, de jogo, de bens, de ciúmes, possuídos de espíritos malignos, de paixões impossíveis acabam por se lhe entregar.

Alguns atam sacos de pedras à cintura, saltam pontes, paredões, pela calada da noite deixam-se cair. Durante dias os seus cadáveres não são enxergados, submersos nos lodos, presos nas fragas. Há muitos versos sobre eles, os afogados do Douro, histórias trágico-fluviais de delírio e grandeza.

Os padres recusavam-lhes acompanhamento, mas pouco importava, iam na mesma, em ataúdes, em choros, em pazadas de terra, terra mais pesada do que a água.

PEQUENOS GOSTOS

Ultimamente deu-me para ter saudades dos pequenos gostos, gostos de comida, de lazer, de aventura, de convívio, de intimidades, das fritadas de enguias em Agosto, sertãs

delas, das fatias de broa demolhadas no azeite novo, dos cachos de moscatel a pintar, dos pires de aletria, do cabrito no forno, das compotas de pêsego, das regueifas trazidas de Amarante; guloso me revelara em pitéus, em doces, em festas, em lábios de adolescentes.

Os bailaricos de domingo no Largo do Cruzeiro, o deslizar no rio com o Ti Tomás barqueiro, as idas às romarias, bancos corridos postos nas camionetas do peixe, as récitas ensaiadas pelo Ti Simão, jeito assim para a quadra e o chiste não se repetiu no distrito, as deambulações pelo pudor, pelo amor.

Tudo isso me foi proporcionado no tempo em que vivi no Casarão, entre castiçais de vidro e túlipas de gaze, virado a norte para o rio.

Foi o povo que o crismou de Casarão, edifício de decadência mais pressentida do que visível, paredes de alvenaria, portas de carvalho, tectos pintados, ar imponente. Mão de bom gosto andou na sua construção, salões amplos, quartos aconchegados, cozinhas abertas, lareiras fundas, janelas de portadas, pátios de protecção.

ILHA DO LAGARTO

Parecia um navio abandonado num quelho, Ilha do Lagarto lhe chamavam, à espera de maré que lhe desse flutuação.

Tinha má fama por maus costumes dos moradores, bebedeiras, zaragatas, o quelho; por assombrações e almas penadas, o Casarão.

Nas noites de Inverno ouviam-se o ranger de madeiras, o arrastar de correntes, detectavam-se luzes sobre as

chaminés. Numa madrugada acordei com os sinos a rebate, a Ti Lêndea, beata que vinha de assistir a um moribundo, vira «fantasmas a fazer poucas-vergonhas no telhado». Desvairada, correu à igreja, agarrou a corda do sino e foi preciso atirarem-lhe com um copo de água à cara para se deter.

Nos anos que vivi nele não percebi nunca vultos estranhos, nem ranger de madeiras, nem arrastar de correntes. A ninguém da família ouvi temores por isso, nem por memórias de crimes secretos que, afiançava-se, haviam sido cometidos no tempo do senhor D. Carlos.

Na região há muitos casarões assim. Não chegam a ser palácios, solares sequer. Construídos por brasileiros ricos ou fidalgos bastardos, foram-se degradando lentamente, adegas, capelas, pinturas, mirantes, soçobram num Douro a perder aristocracia, a transformar-se em roteiro de comércios sem grandeza nem orgulho.

As modernas tecnologias sobem agora as escarpas do Alto Douro. É bem possível que os montes voltem a vivificar-se, as terras são xistosas e magníficas, aveludados os seus néctares, acre a sua exaustão – a espuma substituindo o húmus, no rio, no vinho, nos afectos, nas viagens.

De outrora, lá continua o comboio cansado e típico, e sujo, o carvão substituído pelo *gasoil*, sem fumo, sem orgulho, menorizado pela concorrência dos motores fora de borda, dos paquetes hotéis de luxo, do cosmopolitismo dos turistas. De vez em quando uma composição histórica vinga-o, com a estridência do seu exotismo e a tonalidade da sua melancolia.